A VOZ DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: UM ESTUDO ARTÍSTICO, INTERTEXTUAL E MITOLÓGICO NAS CANÇÕES DE ZÉ RAMALHO E CHICO CÉSAR

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

SILVA; Edjane Henrique de Oliveira [1]

RESUMO

A VOZ DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: UM ESTUDO ARTÍSTICO, INTERTEXTUAL E MITOLÓGICO NAS CANÇÕES DE ZÉ RAMALHO E CHICO CÉSAR

Edjane Henrique de Oliveira Silva – UFPB [1]

Michelle Bianca Santos Dantas – UFPB [2]

Introdução

Sabemos que a mitologia, como elemento primordial, que abrange a raiz sócio-histórica dos estudos clássicos, busca, não só nos fazer compreender sobre as vertentes que moldam o nosso passado, como também mostrar-nos como essas influências permeiam a nossa sociedade atual. Ao longo dos séculos, questões envolvendo o feminino e sua representatividade têm sido temas pouco discutíveis a partir das narrativas míticas. Tendo em vista essa percepção, exploraremos o cancioneiro paraibano e a mitologia como ferramentas complementares, capazes de oferecer uma compreensão mais aprofundada do mito e suas estéticas, incluindo a representação feminina.

Dessa forma, analisaremos, especificamente, as canções “Museu”, de Chico César (2015) e “Paisagem de uma flor desesperada” (1984), de Zé Ramalho, obtendo, a partir das reinterpretações musicais, revelações ricas e profundas a respeito do universo mitológico e da música paraibana. Através da exploração das narrativas mitológicas, presentes nas composições citadas, temos o intuito promover reflexões sobre os estudos clássicos literários, identidade, gênero, sociedade e política, que estão intrinsecamente ligados tanto à mitologia, quanto à modernidade.

Com esse propósito, organizamos o nosso artigo em quatro momentos: introdução; um primeiro tópico para contextualizar a presença das mulheres na mitologia, por meio das tragédias gregas; um segundo para analisar a representação feminina nas canções referidas; e, por último, as nossas considerações finais. Assim, buscamos, não só o aprofundamento acerca da mitologia greco-romana, mas também a investigação e os pressupostos que norteiam diacronicamente a representatividade feminina até os nossos tempos.

Nossa metodologia é fundamentada em análises bibliográficas e qualitativas, realizadas através de catalogação das discografias dos artistas paraibanos em questão. Além disso, dialogaremos com autores como Pierre Bourdieu (2022), Marta Mega de Andrade (2020), Roland Barthes (2007), Moisés Romanazzi (2001), entre outros, que abordam a mitologia nas suas dimensões simbólicas e significativas, considerando o contexto histórico, social e simbólico.

Isso porque, desde os tempos primordiais, as narrativas da Antiguidade clássica têm desempenhado um papel fundamental a respeito da formação cultural e identidade humana. Nesse contexto, as representações das mulheres, na mitologia greco-romana, oferecem-nos informações valiosas para compreendermos as suas estruturas sociais e os seus valores gerais. Nesse sentido, é imprescindível investigarmos como essas narrativas continuam a ecoar em nossa atualidade, especialmente no que refere a compreensão do papel da mulher na sociedade antiga, à medida que isso se reflete em nossa contemporaneidade.

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

Além do mais, essa interconexão revela uma linguagem simbólica, em que os arquétipos e as questões mitológicas são compartilhados e reinterpretadas em diferentes contextos. Dessa forma, a mitologia transcende as barreiras atemporais, históricas e geográficas, tornando-se um tecido cultural e interdisciplinar. Entre essas interdisciplinaridades, a arte e outros meios de conhecimento, geram-nos diversas formas de aprendizagem acerca dos elementos narrativos no meio artístico, possuindo uma universalidade capaz de nos conectar, ensinar e (re) descobrir, a cada dia, novas fronteiras diferentes no meio artístico.

Assim, ao atribuirmos espaço para à exploração do simbolismo feminino na Antiguidade clássica, consideramos as suas nuances e os elementos presentes na música popular brasileira. De modo que possamos enaltecer, não apenas as referências femininas e mitológicas do passado, mas, sobretudo, as suas representatividades no cenário artístico contemporâneo, enfatizando a importância do aprofundamento acerca da revelação da voz das mulheres, por meio da estética mitológica e musical.

Compreender como essas narrativas evoluíram, ao longo dos séculos, é fundamental, uma vez que reconhecemos a persistência de uma imagem expandida pela dominação patriarcal que historicamente relegou às mulheres espaços secundários. Isso evidencia como essa dominação é mantida e reforçada em níveis, cada vez mais profundos da cultura e da linguagem, perpetuando, desde então, a desigualdade de gênero. Como menciona Pierre Bourdieu (2002, p. 01), essa imposição da violência é, sobretudo, simbólica, sendo assim, nosso trabalho com o *corpus* literário, mitológico e musical constitui uma fonte rica de evidências para análises. Para tanto, iniciaremos nossas conjecturas com o tópico sobre a presença das mulheres nas tragédias gregas, a fim de que possamos contextualizar as perspectivas gerais dessas representações.

1. As mulheres na tragédia grega: uma análise crítica das representações e influências culturais

Onde encontrar nas tragédias gregas, mulheres ilesas do patriarcado e misoginia que as excluíram o direito à vida política e social? Como saber o seu papel na sociedade? O feminino, nas tragédias clássicas, desempenharam papéis complexos e variados, refletindo percepções de gênero produtivas para época. Embora as tragédias gregas concentrem, na figura masculina dos heróis, o seu poder de virtude nas esferas públicas, as mulheres, muitas vezes, ocupavam posições fundamentais nas tramas. Elas atuavam como peças-chaves, que representavam diferentes facetas do papel feminino na cultura da Grécia antiga, como discorre Dantas e Silva (2023).

são esses paradoxos e diversidades que ilustram a importância do feminino no contexto da Antiguidade, e que nos ensinam, não apenas subserviência e a invisibilidade, mas também resistência, luta, determinação e enfrentamento (DANTAS & SILVA, 2023, p.08).

Isso indica que, ao analisarmos os papéis das mulheres na Antiguidade, vemos uma variedade de comportamentos que desafiam estereótipos, destacando que o papel feminino não se baseava estritamente a uma ação submissa e invisível. Elas também produziram importante demonstração de força, determinação e capacidade de resistência contra as restrições sociais e políticas.

Algumas das personagens mais proeminentes nas narrativas representam as funções de esposa, filha e mãe, de modo que as suas atitudes de enfrentamento e luta por algum ideal, defesa de valores etc., acionam mudanças centrais nas tramas. Impossível não lembrarmos, por exemplo, das protagonistas das peças de Eurípedes... Medeia, As troianas, Hécuba, Helena, entre outras, que exemplificam o significado de poder e determinação mediante aos contextos de repressão e/ou aflições. Entretanto, sabemos que essa busca por legitimidade, muitas vezes, levaram-nas a atos até extremos, pois acabaram desafiando as normas sociais e questionando as expectativas de gênero. São histórias como essas que eram interpretadas no teatro grego, questões de valores morais que regiam as narrativas míticas e suas catástrofes. Vejamos o que Albin Lesky (1996), na

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

obra “A tragédia grega”, cita a respeito da tragédia de Antígona:

O terrível da catástrofe é descarregado sobre o cosmo, que na luta dos valores permite, ou mesmo condiciona, a destruição. Ao reconhecer a inevitabilidade desses processos, a dor trágica adquire uma certa frieza combinada com satisfação (LESKY, 1996, p. 50).

Essa tragédia, nas palavras de Albin Lesk (1996), não representa apenas uma experiência individual, mas algo que afeta todo o universo (o *cosmos)*, em que a peça está sendo situada. As ações e escolhas das personagens têm repercussões de ordem cósmica, afetando, não apenas suas vidas pessoais, mas também a organicidade do mundo ao seu redor, assim como a sociedade. Percebendo, portanto, que a tragédia revela a luta entre diferentes valores ou princípios morais em conflito.

Nesse caso, a destruição é inevitável porque esses valores não podem coexistir harmoniosamente e, eventualmente, um deles deve prevalecer, mesmo que isso signifique a ruína ou a tragédia para os envolvidos. Ao aceitar a inevitabilidade do destino trágico e as consequências das escolhas dos personagens, os espectadores podem experimentar uma espécie de "frieza" ou benevolência em relação à tragédia. Tudo isso pode ser interpretado como um reconhecimento da justiça que emerge em diferentes aspectos, mesmo que seja difícil ou doloroso para os indivíduos ao redor.

Na história de Antígona, por exemplo, após desafiar as ordens do tio Creonte, a personagem está ciente das consequências das próprias ações, ela reconhece o dever trágico do seu destino, mas escolhe seguir a sua própria consciência e o seu senso de justiça. Antígona também desafia as normas sociais e expectativas, seguindo os seus próprios valores e obrigações religiosas quando incita as leis do estado postuladas por Creonte, quebrando a autoridade patriarcal. Esse desafio às normas sociais ressoa como consequência para a catástrofe, gerando uma comoção, como menciona Roland Barthes (2007), na obra “Escritos sobre teatro”, observemos:

Mas essa aprovação atribuída ao nosso esporte moderno deixa ver, infelizmente, toda a distância que o separa das grandes tragédias antigas: o esporte não provoca senão uma moral da força, ao passo que o teatro de Ésquilo (Oréstia) ou de Sófocles (Antígona) provocava seu público para uma verdadeira emoção *política,* engajando-o a chorar o homem enviscado na tirania de uma religião bárbara ou de uma lei cívica desumana (BARTHES, 2007, p. 28)

O autor discorre que, diferente de um esporte moderno, que pode propiciar em geral a inspiração da força e da competitividade, as tragédias antigas desempenhavam no público reflexões sobre questões políticas e morais mais profundas, como a questão do poder, da injustiça das leis e dos dilemas éticos postulados pelos homens na sociedade. Dessa maneira, é nítido que obras como a de Antígona engajavam no público um sentimento mais político e emocional, o que poderia levar ao estímulo do pensamento crítico sobre questões sociais e morais da época.

Considerando essa percepção, em nossa contemporaneidade, por exemplo, estamos cada vez mais conscientes das raízes sócio-históricas que moldaram o papel das mulheres na sociedade. Ao examinarmos nosso passado, através de tragédias como a que mencionamos anteriormente, podemos compreender melhor as leis e normas que historicamente limitam e oprimem as mulheres. Essa compreensão diacrônica permite-nos reconhecer os desafios enfrentados, ao longo da história, e os padrões perpetuantes de discriminação e limitação que existem até os dias atuais.

1. A voz das mulheres na Antiguidade clássica: um estudo artístico, intertextual e mitológico nas canções de Zé Ramalho e Chico César

2.1 Representações gerais das mulheres na Grécia Antiga: algumas considerações

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

pontuais

Ao explorar o papel social das mulheres na Antiguidade clássica, é importante nos atentarmos tanto para as narrativas mitológicas, quanto para as realidades vivenciadas por elas na rotina histórica. Assim, poderemos percorrer os estereótipos estabelecidos e desconstruir muitos dos ideais que foram difundidos ao longo dos tempos para as mais diversas culturas.

A partir da Antiguidade grega, entendemos geralmente o termo *oikos* como uma unidade básica da organização social e econômica, que formava o conjunto familiar. Esse conceito incluía, não só ao espaço físico da residência, como também os familiares que habitavam tal localidade, todavia, primordialmente tinha-se o homem como chefe da família. Esse termo era responsável pela produção, consumo, e distribuição de recursos dentro das comunidades da época, desempenhando um papel importante dos valores sociais e culturais. O chefe da casa, com base nessa instituição social, tinha autoridade sobre todos os assuntos financeiros, políticos e familiares da organização coletiva na Grécia antiga.

Especialmente em Atenas, na constituição do *oikos*, as mulheres eram consideradas propriedade de seus tutores, geralmente seus pais ou maridos. Elas não tinham status de cidadãs e viviam sob autoridade masculina, dedicando-se a tarefas e afazeres domésticos, além das tradições religiosas, a exemplo das orações fúnebres, único espaço que lhes eram concedidos, pois tratava-se de um evento público onde a virtude das mulheres era destacada em um ideal discreto que não interferiam na vida pública. Como destaca Marta Mega de Andrade (2020), a partir dos estudos dos epitáfios[3], entendemos que,

na dimensão privada do *oikos*, as mulheres estariam submetidas aos poderes masculinos de pais, maridos, irmãos e filhos, além de sofrerem a pressão de um ideal de desaparição: sem nome, sem voz, sem ação, como na oração fúnebre de Péricles. Os epitáfios em honra das mulheres representavam, assim, uma interessante fronteira: eram da ordem do privado, no sentido de que diziam respeito à morte de um membro da família, aos ritos funerários, ao prestígio e aos direitos de um *oikos* (ANDRADE, 2020, p. 123).

Apesar de raras exceções, o amor não era o principal motivo do casamento, o objetivo fundamental era a preservação ou premiação das famílias e continuidade das futuras linhagens. Uma vez que eram casadas, estavam sujeitas às ordens do esposo, sem autonomia para tomar decisões, passando a maior parte do tempo reclusas. Elas não tinham participação em debates políticos e raramente eram consultadas ou ouvidas em assuntos importantes da esfera comunitária. Essa falta de participação nas decisões públicas da comunidade refletia tanto a desigualdade, quanto a subordinação entre as sociedades.

De todo modo, sabemos que a Grécia era estruturada socialmente pelas cidades-estados, sendo assim, cada região possuía caracterização política bem distinta, como se podia ver em Esparta, cidade fundamentalmente diferente de Atenas. Sendo assim, a condição da mulher espartana, era bem distinta da ateniense e assim sucessivamente. Em alguns lugares, podemos vislumbrar determinadas liberdades ou atuações sociais, para além da assimilação ocidental exclusivamente restrita da mulher grega ao *oikos.* Tal como o caso de Safo de Lesbos, que, além de célebre poetisa, tinha até mesmo uma escola, que era destinada apenas às mulheres para ensinar-lhes música, poesia etc. Nesse sentido, as tragédias, os hinos e os mitos nos propiciam significativa percepção dessa dinamicidade do feminino. A seguir, veremos como as composições de Zé Ramalho e Chico César refratam essas questões.

2.2 Mulheres, música e atemporalidade: a recepção da mitologia greco-romana nas produções de Zé Ramalho e Chico César

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

A mitologia, como sabemos, é uma rica fonte de saberes e inspirações, e não é de hoje que tem influenciado milhares de artistas, ao longo dos séculos. Como dissemos no início deste trabalho, uma das nossas principais motivações é analisar como a recepção feminina é apresentada e refletida nas canções de Zé Ramalho e Chico César, dois ícones da música popular paraibana, que exercem um diálogo marcante acerca dos mitos greco-romanos. Porém, antes de iniciarmos a nossa análise, gostaríamos de enfatizar que este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa vinculado ao PIBIC, cujo nosso plano de trabalho, intitulado "A Recepção do feminino greco-romano no cancioneiro paraibano de Chico César e Zé Ramalho", permite-nos aprofundar nas produções desses artistas. Enquanto que, para o presente estudo, delimitamos as canções "Museu", de Chico César (2015) e "Paisagem de uma flor desesperada" (1984), de Zé Ramalho.

Certamente, os mitos greco-romanos são repletos de narrativas históricas, personagens mitológicos, e, em muitas delas, encontramos figuras femininas emblemáticas, que não podemos deixar passar despercebido. Afrodite, Medusa, Atena, Circe, Medeia, Antígona, Lisístrata, Psique, Helena, Hera, Ártemis, Gaia... Um panteão de deusas, heroínas, mulheres que são essencialmente importantes para as narrativas e que nos propiciam visões profícuas a respeito da representação feminina.

Ao examinarmos as canções de Zé Ramalho, conseguimos identificar muitos elementos que dialogam com essa abordagem, abarcando reinterpretações e manifestações, a partir de metáforas recorrentes com personagens femininas. Vejamos a música "Paisagem de uma flor desesperada", de Zé Ramalho (1984):

Nos ventos trópicos vermelhosUm rei adota a natureza da florEm sua menteDa oferenda ao reiSurge a alegria dos guerreirosOnde o simbolismo de uma festa em luta singularFaz nascer!Uma mulher, uma amanteUma flor em desesperoAtravés de um sacrifícioDedicado a um rei triste e solitárioNo lixo, no lixoAgora eu seiO que é uma flor desesperada

Agora eu seiO que é uma flor desesperada

Uma mulher, uma amanteUma flor em desesperoAtravés de um sacrifícioDedicado a um rei triste e solitárioNo lixo, no lixoAgora eu seiO que é uma flor desesperada

Agora eu sei

Agora eu seiO que é uma flor

(GOMES, ISRAEL & RAMALHO, 1984)

Nesta canção, o eu-lírico transmite a imagem metafórica de uma flor oferecida em sacrifício, o que nos faz lembrar Ifigênia, filha do rei Agamêmnon e Clitemnestra. Como sabemos, o mito nos conta que a jovem fora oferecida pelo pai à deusa Ártemis para que, assim, os gregos tivessem condições favoráveis de seguir para a guerra de Tróia. Ou seja, a princesa de Micenas foi uma personagem induzida à morte pelo pai, para o próprio ter êxito em sua batalha, sendo a figura representativa do auto sacrifício feminino.

Portanto, na letra da música, quando o compositor cita "um rei adota a natureza da flor", "da oferenda ao rei", "surge a alegria dos guerreiros", "uma flor em desespero através de um sacrifício", indica-nos a referência ao mito de Ifigênia e as características de sua personalidade, através da jovialidade, beleza, delicadeza e, sobretudo, desespero mediante a iminência da morte pelas mãos do próprio pai.

Ao trazermos a relação entre o mito e a sua recepção contemporânea na canção de Zé Ramalho, podemos claramente observar a mulher como símbolo de oferta para suprir as necessidades patriarcais. Na Antiguidade, sabemos que era bastante comum os pais sacrificarem os seus filhos, mas principalmente as filhas em troca de algum bem e/ou poder. No entanto, a nossa reflexão vai

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

além do passado, porque, ao olharmos para o nosso presente, vemos ainda a condição feminina destinada ao sacrifício, seja ele de uma morte física, espiritual e/ou simbólica. Esta última, como destaca Pierre Bourdieu (2002), pode ser até mais violenta do que a corpórea.

Assim, a partir dessa interpretação, podemos pensar sobre as condições sociais que muitas desempenham, frequentemente submetidas aos sacrifícios, subjugações e mutações (físicas e simbólicas) em favor de interesses maiores, sejam esses políticos, econômicos, sociais, familiares, matrimoniais etc. Sendo assim, essa análise propicia-nos, não um ponto de chegada, mas um ponto de partida em prol de reflexão, questionamento e norteamento sobre a importância de redirecionarmos as ações. A mitologia, assim como a arte, nessa perspectiva, nunca está isolada da sociedade, ela parte e volta ao social, num movimento recíproco ativo.

Na música “Museu”, de Chico César (2015), podemos observar, dessa vez, como a recepção feminina das musas representa o meio artístico e simbólico, enfatizando os aspectos sagrados da mitologia e os conhecimentos que essas narrativas podem nos proporcionar. Assim como Zé Ramalho, Chico César também mantém, nas mais diversas composições, a marca registrada na pauta de questões sociais, regionais e culturais que norteiam a nossa formação de brasilidade e, sobretudo, de nordestinidade. Chico César, especialmente, na maioria das vezes, expressa o reconhecimento das origens indígenas e africanas, além de revelar muitas denúncias sociais.

Observemos a seguir o que nos evidencia a canção “Museu”, de Chico César (2015):

Musa eu, sou seu museu aberto pra visitaçãoMuseu da luz, museu da pessoaMuseu da espera, e do encantamentoDo calçamento ainda não pisadoE da calçada explodindo em flor

Musa eu, sou seu museuDo jambo pendurado no jambeiroE se sonha passa pássaro, e balança balouçaMuseu do café amargo, num copo grandeMuseu do corpo, meu corpo e o seuE do aprendizado em outros corpos

Musa eu, sou seu museuMusa eu, sou seu museu

Musa eu, sou seu museu da memória de ontemDo musgo, do mel, da música sem fim, museu

Enfim museu do mar, do cheiro de mar, museuEspaço cultural, a ser preenchido pelo beijoFundação trêmula, dos afetos acidênticosMuseu da mordida no lábio inferiorDa língua solta, do verbo encarnado transcolor

Museu do abraço experimentalDas almas atentas, antenas entre si, entrelaçadasDa rede, maca, tipóia, museu do índio íntimoContemporâneo mítico

Museu do seu assum preto, musaDo somos, do som, do ecoMuseu do somos, do som, do ecoMuseu do somos, do som, do ecoMuseu do somos, do som, do ecoMuseu.

(CÉSAR, 2015)

Nesta composição, é possível notarmos uma conexão simbólica em relação às Musas da mitologia, divindades importantes tanto para os homens, quanto para os deuses. Elas eram consideradas como símbolos femininos, que levavam inspiração para os artistas em geral. E o museu, como parte dessa simbologia, abarca um espaço que preserva e expõe objetos relacionados à arte,

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

história e cultura, fazendo parte de um ambiente de inspiração artística.

Nesse sentido, podemos pensar em um museu como um local que abriga as criações artísticas inspiradas pelas musas presente na letra do cancioneiro, sejam elas pinturas, esculturas ou outros tipos de expressões da arte. Quando o eu-lírico cita “musa eu, sou seu museu da memória de ontem”, “do musgo, do mel, da música sem fim museu’’, “eu, sou seu museu da memória de ontem”, podemos associar a identificação do museu com as lembranças do passado, a memória e, consequentemente, com a atemporalidade. Isso porque, lembranças resguardas são mote para o presente e para o futuro, não são apagadas, esquecidas e ignoradas, são fonte de conhecimento e sabedoria. E são as musas, divindades femininas, as guardiãs das memórias, da inspiração, da criatividade, da produção poética.

Ao mencionar o corpo, a música e o verbo (“Museu do corpo”, “E do aprendizado em outros corpos”), o compositor ressalta a arte e a memória, não apenas como forma de conexão abstrata, imagética, mas como uma corporeidade, uma totalidade do ser integrado, tomado pelo desejo de completude entre passado, presente, futuro e eternidade. Esse eu-lírico expressa seus anseios e singularidades universais por meio da arte das musas e seus poderes, sendo, ele mesmo, um museu. Além do mais, é museu de tudo, do mar, do som, do eco do abraço, do somos, mostrando a pluralidade indivisível, indistinta.

Sendo assim, as canções de Chico César e Zé Ramalho revelam-nos referências femininas da mitologia grega significativas para produção de um cancioneiro, não apenas paraibano, mas, sobretudo, universal.

Conclusão

Consideramos que este trabalho intertextual, a partir das canções de Zé Ramalho e Chico César, oferece-nos uma oportunidade fascinante de explorar as representações das mulheres na Antiguidade clássica sob uma nova perspectiva contemporânea, indagando questões cruciais em meio a nossa sociedade. Ao mergulhar nas profundezas das letras dos artistas que mencionamos, podemos vislumbrar como as figuras femininas da mitologia greco-romana ecoam até os dias atuais, influenciando, inspirando e dialogando com a criação artística.

É fato que essas músicas e toda sua representatividade resgatam as histórias e mitos antigos sob à visão feminina, mas também nos oferecem perspectivas voz de representação e questionamento. Portanto, ao entrelaçar referencias mitológicas com as questões atuais, buscamos a compreensão da importância da mitologia greco-romana para as produções contemporâneas, revelando camadas de significados e (re)interpretações em cada contexto explorado.

Referências

ANDRADE, Marta Mega de. **Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga.** Revista Brasileira de História, v. 40, p. 119-140, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. In: **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Editora Bertrand Brasil LTDA. 2002.

CÉSAR, Chico. Museu. In: Estado de poesia. 2015. Disponível em: https://www.letras.mus.br/chicocesar/museu/. Acesso em 09. Abr.2024

DOMINGUES, Ester Joelza**. Mulheres ao longo da história.** 20 de julho de 2020. Disponível em: https://ensinarhistoria.com.br/mulheres-ao-longo-da-historia-4-grecia-antiga/#1. Acesso em: 09

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com

abr. 2024.

EVERTON, Enio; MATOS, Flávia. **História antiga Família, Sexualidade e papel da mulher nas sociedades greco-romanas**. s/d

.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **Polis, e Oikos, o público e o privado na Grécia antiga**. Labeca – MAE – USP. 2001.

LESKY, Albin. **A Tragédia Grega**. Tradução: J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. Editora Perspectiva. 1996.

RIVIÈRE, Jean-Loup; BARTHES, Roland. **Escritos sobre teatro**. 2007.

SILVA, Edjane Henrique de Oliveira; DANTAS, Michelle Bianca Santos**. O BELO, ALÉM DA BELEZA, E A RECEPÇÃO DO FEMININO GRECO-ROMANO NO CANCIONEIRO PARAIBANO DE CHICO CÉSAR E ZÉ RAMALHO**. DARANDINA REVISTELETRÔNICA, v. 16, n. 1, p. 121-137, 2023.

SILVA, Lisiana Lawson Terra; GONÇALVES, Jussemar Weiss. **O LUGAR DA MULHER ATENIENSE: ENTRE O OIKOS E A POLIS.** FURG. s/d.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. **Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV aC).** Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages, n. 1, p. 48-55, 2001.

GOMES, Sobral; RAMALHO, Zé. Paisagem de uma flor desesperada. In. Para dizer que não falei de rock. 1984. Disponível em: https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/134536/. Acesso em 24 abr. 2024.

[1] Estudante de graduação do curso de licenciatura em Letras – Português, pela Universidade Federal da Paraíba –UFPB, Mamanguape, Paraíba. E-mail: edjaneoliveira484@gmail.com.

[2] Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PPGCR/PROFLETRAS; Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Letras, Mamanguape, Paraíba. E-mail: michellebianca86@hotmail.com.

[3] Os epitáfios na Antiguidade grega representavam uma fronteira entre o público e o privado. Eles estavam relacionados a morte de um membro da família e aos rituais funerários, que eram de assuntos privados. Além disso, esses epitáfios podiam servir para demonstrar o prestígio e os direitos presentes no oikos, enfatizando a importância das mulheres dentro da família, mesmo que sua participação pública fosse limitada.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia, Recepção feminina, Antiguidade, Cancioneiro

[1] Univerdidade Federal da Paraíba, edjaneoliveira484@gmail.com